

CONTAMINAÇÃO POR HIV EM ADOLESCENTES NA CIDADE DE RIO DO SUL.

DA SILVA, Alex Sandro Oliveira
Professor: Rafael Gustavo de Liz
Centro Universitário Leonardo da Vinci- UNIASSELVI
Pós-Graduando em Saúde Pública

RESUMO

As infecções sexualmente transmissíveis são prevalentes na adolescência e facilitadora da contaminação pelo HIV, a baixa idade das primeiras relações sexuais e a variedade de parceiros, o não uso de preservativos assim como o uso de drogas ilícitas são apontados como fatores de risco às ISTs, Coletamos dados do Centro de Testagem e Aconselhamento da cidade de Rio do Sul, SC. Com o objetivo de perceber a quantidade de adolescentes contaminados pelo HIV, com faixa etária de 14 a 19 anos de idade, em um período de 2014 a 2018. Analisamos os dados recolhido e comparamos com a literatura e assim percebemos que, os adolescentes estão se contaminando cada vez mais. pelo vírus HIV,

ABSTRACT

Sexually transmitted infections are prevalent in adolescence and facilitate HIV contamination, the low age of first sexual intercourse and the variety of partners, the non-use of condoms as well as the use of illicit drugs are identified as risk factors for STIs, We collect data from the Testing and Counseling Center of the city of Rio do Sul, SC. In order to understand the number of adolescents infected with HIV, with ages ranging from 14 to 19 years, from 2014 to 2018. We analyzed the data collected and compared it with the literature and thus we perceive that adolescents are contaminating more and more. by the HIV vírus.

1.INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Este período é marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. Não se pode definir com exatidão o início e fim da adolescência, porém, na maioria dos indivíduos, ela ocorre entre os 10 e 20 anos de idade. Período definido pela OMS- Organização Mundial da Saúde. (suapesquisa.com/ecologiasaude/adolescência, 2019)

Nesse artigo iremos estudar uma faixa etária de 14 a 19 anos. Escolhemos essa faixa etária, por trabalhar como profissional da saúde, e vimos percebido o grande crescimento de contaminação em adolescentes na cidade de Rio do Sul, pois trabalhamos a prevenção e a educação, mas mesmo assim não está sendo levado em conta pelos adolescentes.

Iremos tratar da contaminação por HIV, (Vírus da Imunodeficiência Humana). O HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da AIDS, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. Ter o HIV não é a mesma coisa que ter AIDS. Há muitos soropositivos que vivem anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença. Mas podem transmitir o vírus a outras pessoas pelas relações sexuais desprotegidas, pelo compartilhamento de seringas contaminadas ou de mãe para filho durante a gravidez e a amamentação, quando não tomam as devidas medidas de prevenção.

O HIV é uma partícula esférica, que mede de 100 a 120nm de diâmetro, pertencente ao gênero Lentivirinae e família Retroviridae, apresentando em seu núcleo duas cópias de RNA de cadeia simples, encapsuladas por uma camada proteica ou núcleo-capsídeo, capsídeo e um envelope externo composto por uma bicamada fosfolipídica. (Ministério da Saúde, HIV/AIDS. 2006. Manual Técnico para o Diagnóstico da Infecção pelo HIV)

O HIV é um retrovírus com genoma RNA da família Retroviridae e subfamília Lentivirinae. Pertence ao grupo dos retrovírus citopáticos e não-oncogênicos. HIV utiliza para multiplica-se uma enzima denominada transcriptase reversa, responsável pela

transcreva RNA viral para cópia do DNA, integrando-se ao genoma do hospedeiro. (Ministério da Saúde, HIV/AIDS. 2006. Manual Técnico para o Diagnóstico da Infecção pelo HIV)

O HIV é transmitido principalmente por relações sexuais desprotegidas, isto é, sem o uso do preservativo, e compartilhamento de seringas e agulhas contaminadas com sangue, o que é frequente entre usuários de drogas ilícitas - que também podem contrair mais doenças, como hepatites. Outras vias de transmissão são por transfusão de sangue, porém é muito raro, uma vez que a testagem do banco de sangue é eficiente, e a vertical, que é a transmissão do vírus da mãe para o filho na gestação, amamentação e principalmente no momento do parto, o que pode ser prevenido com o tratamento adequado da gestante e do recém-nascido.

É importante ressaltar que é possível contrair o HIV seja por sexo desprotegido vaginal, anal ou oral, quando o parceiro está infectado e seu sangue, sêmen ou secreção vaginal entram no corpo da pessoa que não vive com o vírus.

Avaliaremos a contaminação de adolescentes, pelo HIV, na cidade de Rio do Sul, SC, no período de 2014 a 2018. O Ministério da Saúde registrou aumento no número de casos de HIV em 2016. Foram 37.884 casos no ano passado, contra 36.360 em 2015 -- um aumento de 4%. A tendência, de acordo com as novas notificações enviadas à pasta, é de aumento desde 2014, quando foi registrada alta de 56,2% em relação a 2013. Isso significa que todos os serviços de saúde devem informar todos os novos casos ao órgão; antes, esse dado era feito a partir de amostragem em estudos isolados. (Brasil, Ministério da Saúde, Casos de HIV, 2016)).

2. DESENVOLVIMENTO

Rio do Sul é um município do Estado de Santa Catarina. Considerada a Capital do Alto Vale do Itajaí, com aproximadamente 70.100 mil habitantes, segundo IBGE 2018. a cidade é referência para os 28 municípios do Alto Vale do Itajaí. Fazendo parte da 12ª Regional de Saúde.

Na atualidade, a incidência das infecções sexualmente transmissíveis (IST), vem aumentando e pode ter por consequência imediata uretrites, salpingites e, a longo prazo infertilidade, gravidez ectópica ou câncer de colo de útero. Sabemos que ter uma IST aumenta a chance de contaminação pelo HIV.

É comum os adolescentes dispensarem o uso do preservativo quando consideram uma relação estável. A noção de relação estável entre os jovens pode ser, muitas vezes concedida com aquela continua após o segundo encontro ou depois de uma semana, ou seja, que se desenvolve em um curto espaço de tempo. Para esses adolescentes em situação de rua, somam-se as dificuldades de acesso aos insumos de prevenções e aos serviços de saúde, além da situação comuns de violência. Ministério da Saúde, HIV/AIDS. 2006. Manual Técnico para o Diagnóstico da Infecção pelo HIV.

Com isso realizaremos uma avaliação do quantitativo de contaminação pelo vírus HIV, em adolescentes, nesse município, em um período de 2014 a 2018. Na atualidade, a incidência das infecções sexualmente transmissíveis (IST), vem aumentando e pode por consequência imediata, e ou a longo prazo causar infertilidade.

Percebemos que o fator biológico, psíquico e sociais podem aumentar a vulnerabilidade dos adolescentes às ISTs. Do ponto de vista biológico, o epitélio cilíndrico do colo do útero na adolescência se encontra mais exposto e tanto as clamídias como os gonococos têm predileção por este tecido. A baixa menarca pode levar a um início precoce da atividade sexual, aumentando a probabilidade de contaminação.

Já no âmbito psíquico a adolescência é uma fase de definição da identidade sexual, com experimentação e variabilidade de parceiros. O pensamento abstrato ainda incipiente nos adolescentes faz com que se sintam invulneráveis, assim se expondo a riscos e sem prever suas consequências. Na esfera social, os baixos níveis escolares e socioeconômicos estão associados as IST, assim como os modelos hegemônicos de comportamento de gênero também são responsáveis por atividades que colocam em risco a saúde tanto do homem quanto da mulher, assim como o uso de álcool e drogas, já comprovados por diversos estudos.

Considerando a realidade brasileira, adolescentes e jovens são definidos por diferentes aspectos, emergindo opiniões diferenciadas quanto às formas de situá-los nos marcos referenciais que os caracterizam. O Ministério da Saúde segue como definição

de adolescência a prescrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que caracteriza o período de 10 e 19 anos e compreende como juventude a população dos 15 a 24 anos (BRASIL, 2010, p. 46). O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) define juventudes a partir de faixas etárias, dos 15 a 17 anos são adolescentes-jovens; dos 18 a 24 anos de jovens-jovens e entre os 25 a 29 anos são denominados jovens-adultos. Portanto, nessas definições há uma interseção entre a metade da adolescência e os primeiros anos da juventude. Essa população, entre 10 a 24 anos, representa um contingente expressivo de mais de 50 mil pessoas no Brasil (IBGE, 2010^a), com isso estudaremos uma faixa etária de 14 a 19 anos, onde podemos ter os dados de contaminação segundo SINAN NET 02/2019.

A AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) se caracteriza pelo enfraquecimento do sistema imunológico do corpo, com o organismo mais vulnerável ao aparecimento de doenças oportunistas que vão de um simples resfriado a infecções mais graves como tuberculose ou câncer. O próprio tratamento dessas doenças fica prejudicado com a presença do vírus HIV no organismo.

O Vírus HIV, dentro do corpo humano, começa a atacar o sistema imunológico ligando-se a um componente da membrana dos linfócitos T, o CD4, assim penetrando no seu interior para fazer a sua multiplicação. Com isso, o sistema de defesa vai aos poucos perdendo a capacidade de responder adequadamente, assim tornando o corpo vulnerável a doenças. Quando o organismo não tem mais força para combater esses agentes externos, a pessoa começa a ficar doente com facilidade e então se diz que tem AIDS. Esse momento geralmente marca o início do tratamento com os medicamentos.

O número de casos de AIDS notificados de 1980 até junho de 2016, no país foram de 842.710 casos de AIDS no Brasil, o país tem registrado, anualmente, uma média de 41,1 mil casos de AIDS, nos últimos cinco anos. Do ano de 2000, quando da implantação do relacionamento probabilístico dos dados, a junho 2016, observou-se um total de 634.51 casos de AIDS, sendo que 445,763 formas notificados. (Boletim Epidemiológico 2016, Ministério da Saúde).

Segundo o boletim epidemiológico 2016, a razão de sexos tem variado com a faixa etária. Entre os jovens de 13 a 19 anos, observa-se uma tendência de aumento da

participação dos homens, em 2015 foram registrados 62% dos casos em homens do que em mulher, a nível nacional.

Ao analisarmos os dados coletados no CTA, (Centro de Testagem e Aconselhamento), de Rio do Sul, no período de 2014 a 2018, verificamos que foram realizados em 2014, 3.735 testes rápidos, em 2015, 3.623, em 2016, 3.802, em 2017, 4,192 e por fim em 2018 4.200 testes. Percebendo assim um gradual crescimento na procura desses exames.

Através destes dados retiramos a faixa etária de 14 aos 19 anos de idade os quais os referidos testes deram resultados positivos para HIV.

Ao verificarmos o município de residência, percebemos que Rio do Sul tem oscilado, o número de casos positivos em adolescentes, em 2014 tivemos 03 casos positivos, e em 2016, 05 casos, baixando para 02 casos em 2018. Percebemos que em 2016 a nível nacional também ocorreu um aumento de casos notificados, segundo dados do ministério da Saúde. (Boletim Epidemiológico 2016, Ministério da Saúde). Conforme podemos verificar na tabela a baixo.

Tabela de Frequência Por ano da Notificação Segundo Município de Residência SC (Adultos)						
Município/ano	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Dona Ema	01	0	0	0	0	01
Ibirama	01	01	0	02	0	04
Imbuia	0	0	0	01	0	01
Ituporanga	0	0	0	02	0	02
José Boiteux	0	0	01	01	01	03
Lontras	0	0	0	01	0	01
Mirim Doce	01	0	0	0	0	01
Pouso Redondo	03	01	0	0	01	05
Presidente Getúlio	02	0	01	0	0	03
Rio do Campo	01	0	0	0	02	03
Rio do Sul	03	01	05	02	02	13
Salete	0	0	0	0	01	01
Taió	0	0	0	0	01	01
Vidal Ramos	01	0	0	0	0	01
Total	13	03	06	10	08	40

FONTE. SINAN NET 02/2019

No que se refere ao gênero, percebemos que, em Rio do Sul, aconteceu mais contaminação em homens do que em mulher, no mesmo período.

A razão de sexos também varia de acordo com faixa etária. Entre os jovens de 13 a 19 anos, observa-se uma tendência de aumento da participação dos homens. Em 2015, foram registrados 62% de casos a mais em homens do que em mulheres razão de sexos de 17 casos em homens para cada 10 mulheres. Entre as mulheres, observa-se que, vem apresentando uma tendência de queda em quase todas as faixas etárias exceto entre as de 15 à 19 anos. Boletim Epidemiológico 2017.

Segundo Boletim Epidemiológico 2018, em todas as regiões do país, a principal via transmissão entre mulheres e homens com 13 anos de idade ou mais foi a via sexual. No ano de 2015, a região sudeste apresentou uma predominância da categoria de exposição de homens que fazem sexo com homens, enquanto que, em todas as outras regiões, o predomínio foi heterossexual.

A tabela abaixo nos mostra a frequência por sexo de notificação por município.

Tabela de Frequência Por sexo da Notificação Segundo Município de Residência SC (Adultos)			
Município/sexo	Masculino	Feminino	Total
Dona Ema	0	01	01
Ibirama	01	03	04
Imbuia	0	01	01
Ituporanga	0	02	02
José Boiteux	01	02	03
Lontras	0	01	01
Mirim Doce	0	01	01
Pouso Redondo	02	03	05
Presidente Getúlio	01	02	03
Rio do Campo	01	02	03
Rio do Sul	07	06	13
Salete	01	0	01
Taió	0	01	01
Vidal Ramos	0	01	01
Total	14	26	40

FONTE: SINAN NET 02/ 2019

Ao analisarmos os dados de idade 15 a 19 anos segundo o SINAN 2019, percebemos um grande número de adolescentes, com resultados positivos para HIV, o

que nos leva a pensar que os adolescentes, não estão dando a devida importância, a essa doença. Assim verificamos que os adolescentes estão começando sua vida sexual sem ter cuidado com o HIV, não dando a devida importância a essa doença que ainda não tem cura.

EGGER et al. (1994) em estudos, encontraram uma elevada prevalência de comportamentos de alto risco entre jovens, tanto sexuais quanto relacionados a drogas. Identificaram também um grande potencial de infecção pelo HIV nesse grupo etário em muitos países, e que muitos deles se consideram invulneráveis, causando com isto, menos possibilidades de medidas preventivas.

O que nos leva a pensar que nos dias atuais, isso não mudou, pois com esse estudo percebe-se que o número de adolescentes contaminados com o vírus HIV, está sempre em aumento pelos mesmos fatos.

NICHIATA et al. (1995) afirmam que apesar das medidas governamentais e do envolvimento da sociedade civil no enfrentamento da AIDS, os diversos anos de epidemia tem demonstrado a incapacidade da população em controlar a disseminação da doença que cresce em escala progressiva.

O que nos dias atuais ainda não mudou, pois ainda percebemos um grande aumento de casos de HIV em adolescentes da mesma forma, mostrando que não é o conhecimento sobre a doença e sim sobre cuidado com sua própria vida, pois os nossos jovens ainda se consideram imunes a esse tipo de doença.

Tabela de Frequência Por faixa etária da Notificação Segundo Município de Residência SC.			
Município/faixa etária	10-14 anos	15-19 anos	Total
Dona Ema	0	01	01
Ibirama	0	04	04
Imbuia	0	01	01
Ituporanga	0	02	02
José Boiteux	01	02	03
Lontras	0	01	01
Mirim Doce	0	01	01
Pouso Redondo	0	05	05
Presidente Getúlio	0	03	03
Rio do Campo	0	03	03
Rio do Sul	0	13	13
Salete	0	01	01

Taio	0	01	01
Vidal Ramos	0	01	01
Total	01	39	40

FONTE. SINAN NET02/ 2019

Ao analisarmos os dados, percebemos uma problemática, a qual estamos estudando, está relacionada à atividade sexual desprotegida do adolescente, é a sua maior exposição as IST, incluindo a infecção pelo HIV, o agente causador da AIDS. Há indicações de que as IST específicas por faixa etária são maiores em grupos de 15 a 29 anos de idade, onde os dados epidemiológicos em pacientes com AIDS, sugerem que em muitos casos, a infecção pelo HIV foi contraída durante a adolescência (Organização Mundial da Saúde 2009).

TAQUETTE, et al, 2004. Os adolescentes em geral sabem que o preservativo evita doenças e gravidez, mas mesmo assim não usam. Existe uma enorme lacuna entre o nível de conhecimento e o uso efetivo de preservativo. A juventude aponta numerosas justificativas para não usá-la: esquecimento, custo, mesmo sabendo que possuímos no SUS de graça para dispensar, e desprazer na relação sexual.

CAMARGO BV. e BOTELHO LJ, 2007. Um dos grandes obstáculos da ação preventiva em muitos países, inclusive no Brasil, é o fato de as políticas públicas não levarem em conta a cultura sexual das populações e subpopulações focalizadas. A média de idade da primeira relação sexual com penetração, no Brasil, estimada é de faixa etária de 16 a 19 anos, é de 14 anos e quatro meses para os adolescentes e de 15 anos e dois meses para as adolescentes. A pobreza, a violência, a exploração sexual e a dificuldade de acesso aos cuidados com a saúde aumentam bastante a vulnerabilidade dos adolescentes ao HIV. Entre os brasileiros de 16 a 25 anos, somente 52,8% dos homens e 35,4% das mulheres declararam utilizar sistematicamente o preservativo.

O que nos faz perceber que o número de casos de contaminação por HIV vem caindo entre os adultos, entre os adolescentes o contágio cresce ano a ano. A população dessa faixa etária parece não perceber que o vírus causador da Aids representa um risco à vida e se descuida dos cuidados preventivos, facilitando a sua disseminação. Especialmente entre o público feminino.

A redução da contaminação entre adolescentes e jovens por doenças de transmissão sexual, incluindo HIV, depende de mudanças de comportamento que viabilizem a prática do sexo seguro. O conhecimento sobre os meios de transmissão das ISTs e dos métodos contraceptivos não são suficientes para ajudar na proteção. Os adolescentes precisam aprender a identificar uma situação de risco, compreender sua vulnerabilidade, conhecer as alternativas que eles possuem para se proteger, decidir qual alternativa é melhor para cada situação e de acordo com seus valores pessoais. A conscientização do risco e o dimensionamento das consequências posteriores são fundamentais. Assim a compreensão da magnitude e transcendência desses aspectos é de fundamental importância para implantação de políticas e ações intersetoriais de educação, saúde e interação social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é uma fase de mudanças e descobertas, inclusive no que diz respeito à sexualidade, e, para que isto ocorra de forma segura, necessita-se de práticas de cuidado mais efetivas e que de fato alcancem o grupo jovem. No entanto, observa-se que muitos jovens ainda não utilizam o conhecimento que têm em sua prática cotidiana, o que pode ser atribuído à ideia de invulnerabilidade, ao estabelecimento de um relacionamento estável, ao uso de métodos contraceptivos e ao desconforto atribuído ao uso do preservativo, dentre outros.

Neste estudo, foi possível contemplar o resultado da análise dos dados obtidos sobre adolescentes infectados. Foi possível constituir um acervo de informações individuais, as quais exprimem, de forma pura e simples, a realidade desses adolescentes, da cidade de Rio do Sul, SC, tornando possível traçar novos meios de proporcionar uma educação e o cuidado para com essa doença.

No aspecto individual, a noção de vulnerabilidade está relacionada ao comportamento e aos hábitos de acordo com a literatura estudada, e diante da possibilidade de infectar-se ou adoecer. Com isso consideramos de suma importância a

sensibilização de nossos adolescentes para que haja uma mudança de atitudes frente à epidemia de AIDS, assim incentivando a autoproteção.

Conclui-se, dessa forma, a necessidade de uma articulação entre as equipes de saúde, a família e a escola, e esta deve atuar cada vez mais na educação sexual dos adolescentes. Sendo assim, a saúde dos adolescentes necessita de um olhar diferenciado e multidisciplinar, a fim de assegurar a passagem por essa etapa da vida com riscos biológicos ou emocionais reduzidos, por meio do cuidado com abordagem técnica segura e humanizada.

Assim, o estudo tratou de uma temática na qual se verifica claramente a existência de poucos registros científicos, tendo em vista a relevância do tema. Na prática, a familiarização com o assunto abordado busca aplicação direta no trato com os adolescentes, de modo a propor novos métodos para sua orientação e seu acompanhamento. Pode, ainda, trazer uma proposta concreta para novos trabalhos que contemplem as especificidades desta linha de estudo.

4.REFERÊNCIAS

BIANCA DE SOUZA PEREIRA, Fatores associados à infecção pelo HIV, entre adolescentes e a adulto jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. *Ciência & Saúde* 19. P 747-757. 03 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde, dados sobre HIV. Disponível em <portalweb04.saude.gov.br/sinan_net/default.asp9>. Acesso em 01/2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. HIV/AIDS, hepatites e outras DST. Brasília: Caderno de Atenção Básica n 18. Ministério da Saúde, 2006. 196p.

BRIGIDO V. CAMARGO, LÚCIO J. BOTELHO, Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV, *Revista Saúde Pública*, p 2-8,2007.

ECOLOGIA E SAÚDE, Adolescência, disponível em <suapesquisa.com/ecologiasaude/adolescencia.htm>. Acesso em 20/02/2019.

ELIANE MARIA FLEURY SEIDL1 WALNICÉIA DOS SANTOS ROSSI KEYLLA FURUHASHI VIANA ANA KARENINE F. DE MENESES EVERSON MEIRELES

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Crianças e Adolescentes Vivendo com HIV/Aids e suas Famílias: Aspectos Psicossociais e Enfrentamento. Psicologia: Teoria e Pesquisa Set-Dez 2005, Vol. 21 n. 3, pp. 279-288.

EGGER, M et al. Conocimientos, atitudes y prácticas acerca del SIDA entre estudiantes de escuelas secundarias de Managua. Bol. Of. Santi. Panam., Washinfon, v 117, n 1, p 12-21, jul. 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico, Secretária de Vigilância em Saúde. Volume 43, 2012. Brasil.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico, Secretária de Vigilância em Saúde. Volume 48, 2017. Brasil.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico, Secretária de Vigilância em Saúde. Volume 41, 2018. Brasil.

NICHIATA, L.Y.I. et al. Buscando a compreensão do enfrentamento da AIDS no Brasil. Ver. Latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v.3, n 1, p 149-158, jan 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, (OMS). Riesgos para la Salud de los jóvenes. Geneva; 2009.

STELLA R. TAQUETTE, Epidemia de HIV/AIDS em adolescentes no Brasil e na França: semelhanças e diferenças. Saúde e Sociedade. V 22 n. 2, p. 618-628, 2013.

STELLA R. TAQUETTE, MARIA M. V. MARIANA C.P; Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência; estudo dos fatores de risco. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 37, p 210-214, maio-junho, 2004.

TORRES, G de V.: DAVIN, R.M.B.; ALMEIDA, M.do C.S. Conhecimento e opiniões de um grupo de adolescentes sobre a prevenção da AIDS. Rev latino-am. Enfermagem. Ribeirão Preto. V. 7, n 2, p. 41-46, abril 1999.